

Condições de trabalho docente na pós-graduação no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil

Berta Leni Costa Cardoso¹ Welton Cardoso Júnior²
Claudio Pinto Nunes³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo verificar as condições de trabalho dos docentes da pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no contexto da pandemia da COVID-19. Os sujeitos em atividade da população-alvo consentiram e aderiram, por meio eletrônico, livre e espontaneamente à pesquisa e foram apresentados ao questionário MONISA adaptado para o recorte. As respostas permitiram a construção de um banco de dados comparativo entre percepções anteriores e as atribuídas ao período de trabalho durante a vigência da respectiva calamidade pública de saúde global. Aderiram à pesquisa 80 professores (n=80) dentre um total de 292 que atuam nos 17 programas presenciais de pós-graduação da referida instituição de ensino superior. Os pesquisados têm um perfil predominante de idade média entre 40 e 50 anos, cor/raça predominante branca, foram equitativos em relação ao gênero e convivem conjugalmente em uma família com média de 3 pessoas. Os resultados do estudo mostraram que essas transformações que atingiram a sociedade implicaram nas condições de trabalho destes professores, impactando na dimensão laboral da vida deste profissional.

Palabras-chave: Estilo de vida, Saúde, Docente, Pós-graduação, Pandemia da COVID-19.

Teaching working conditions in postgraduate courses in the context of the Covid-19 pandemic in Brazil

Abstract

This article aims to verify the working conditions of graduate professors at the State University of Southwest Bahia (UESB) in the context of the COVID-19 pandemic. Active subjects from the target population consented and joined, electronically, freely and spontaneously to the research and were presented with the MONISA questionnaire adapted for the clipping. The answers allowed the construction of a comparative database between previous perceptions and those attributed to the period of work during the duration of the respective public global health calamity. Eighty professors (n=80) joined the survey, out of a total of 292 who work in the 17 on-site postgraduate programs at the mentioned higher education institution. The respondents have a predominant profile of average age between 40 and 50 years, predominantly white color/race, were equitable in terms of gender and live together in a family with an average of 3 people. The results of the study showed that these transformations that affected society implied the working conditions of these teachers, impacting the work dimension of this professional's live.

Keywords: Lifestyle, Health, Professor, Postgraduate studies, COVID-19 pandemic.

¹ Doutora pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professora Titular na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Guanambi, Bahia, Brasil. Rua Deocleciano de Andrade 417 São Francisco, Guanambi, Bahia, Brasil, CEP: 46430-000. E-mail: bertacostacardoso@yahoo.com.br

² Mestre e Doutorando na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Diretor Clínico no Inrad - Instituto de Neurologia e Radiodiagnóstico de Guanambi, Guanambi, Bahia, Brasil. Rua Deocleciano de Andrade 417 São Francisco, Guanambi, Bahia, Brasil, CEP: 46430-000. E-mail: weltoncardosojr@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN 2010). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEd na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Av. Luiz Eduardo Magalhães, n 87, bairro Candeias, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. CEP: 45028-440. E-mail: claudionunesba@hotmail.com

Condiciones de trabajo docente en estudios de posgrado en el contexto de la pandemia de Covid-19 en Brasil

Resumen

Este artículo tiene como objetivo verificar las condiciones de trabajo de los profesores de posgrado de la Universidad Estatal del Suroeste de Bahía (UESB) em el contexto de la pandemia de COVID-19. Los sujetos activos de la población diana dieron su consentimiento y se incorporaron, de forma electrónica, libre y espontánea a la investigación y se les presentó el cuestionario MONISA adaptado para el clipping. Las respuestas permitieron la construcción de una base de datos comparativa entre las percepciones anteriores y las atribuidas al período de trabajo durante la duración de la respectiva calamidade de salud pública mundial. Se sumaron a la encuesta 80 profesores (n=80), de um total de 292 que laboran em los 17 posgrados presenciales de la citada institución de educación superior. Los encuestados tienen um perfil predominante de edad promedio entre 40 y 50 años, color/raza predominantemente blanca, son equitativos em cuanto al género y conviven em una familia con um promedio de 3 personas. Los resultados del estudio mostraron que esas transformaciones que afectaron a la sociedad implicaron las consiciones de trabajo de estos docentes, impactando la dimensión laboral de la vida de este profesional.

Palabras clave: Estilo de vida, Salud, Profesor, Posgraduación, Pandemia de COVID-19.

INTRODUÇÃO

A pós-graduação, como ensinam Viana Filho *et al.* (2019), institucionaliza-se como um sistema do contexto universitário, sendo que esse nível da educação superior, segundo Rego (2014), muitas vezes, irradia a cultura do gerencialismo acadêmico e traz impactos sobre os próprios professores pesquisadores, para os centros universitários e para as revistas científicas do Brasil. Para esta última autora, as formas de valorização da divulgação científica é que determinam esse efeito colateral nas condições de trabalho desses docentes das pós-graduações.

Para Silva Júnior, Ferreira e Kato (2013), a cada ano ou quadriênio, em face das avaliações, as relações de produção influenciam a organização no trabalho desse docente. Estes trabalham fortemente pressionados para buscarem publicações, financiamentos para pesquisas, consultorias e acabam reproduzindo na iniciação científica, na extensão e no ensino de graduação essa cultura que distorce a missão e as relações do fazer científico universitário. Salienta-se, então, a relevância das pesquisas sobre o trabalho docente no contexto da pós-graduação, enfatizada pela importância desse nível educacional na formação de profissionais, de pesquisadores e de professores.

Segundo Masetto (2003), o desenvolvimento tecnológico e o fenômeno da globalização afetaram o cerne desse modelo de organização do trabalho que exige desse educador mais produção e mais divulgação do conhecimento para além das fronteiras físicas das instituições. Segundo o autor, o docente que era um repassador de informações profissionais atualizadas, passa a ser requisitado por novas capacitações como, por exemplo, “adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa e cooperação” (MASETTO, 2003, p. 14). Competências essas que são necessá-

rias para promover o desenvolvimento do profissional humano, social, político e ainda o potencial econômico do país.

Esse espaço de ensino superior deve, portanto, ser de relações e convivências pedagógicas. Para Nunes e Oliveira (2017), trata-se de uma demanda de identidade profissional, de melhorias na formação inicial, de formação continuada e de atitudes que impactam na relação do docente com o trabalho. Nesse sentido, por sua maior dedicação e formação pedagógica, esperava-se naturalmente também a sua maior valorização. Mas o que deveria ser um custo de investimento essencial nos novos tempos e para a plena Educação, caminha ainda por rumos incertos, muitas vezes, em sentido oposto a essa expectativa por força de interesses privados que se articulam para a construção e direção das políticas educacionais nacionais (PERONI; CAETANO, 2015).

Imbricando o tema no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil, temos que houve um distanciamento social, como medida preventiva até a vacinação em massa, isso determinou abruptamente impactos na área da educação e, conseqüentemente, no trabalho dos professores. Na medida em que a atividade presencial foi suspensa, houve uma mudança nas rotinas dos discentes, dos docentes, das famílias de ambos. Por conseguinte, foi possível sentir uma mudança na circulação desses indivíduos no contexto urbanístico. Essa aparência de que as atividades educacionais se mantiveram suspensas, pode ter contribuído também para uma percepção superficial social de que o desejo dos docentes era pela manutenção deste *status* e que, pelo oportunismo da situação, assim poderiam se manter em casa seguros, percebendo salários e sem efetivamente trabalhar.

Desse senso comum, muito equívoco houve, pois, os docentes foram desafiados a modificar suas atividades remotamente, o que pelo contrário ao superficialmente percebido, o envolveu com maior esforço laboral e com condições ainda mais precárias de trabalho (PONTES; ROSTAS; ROSTAS, 2020). Além de ser mais exigido por seus conhecimentos e pelo que lhe compete, o docente ainda passou a ser cobrado pela não paralisação educacional advinda do momento de força maior que foi a pandemia da Covid-19. Eis que se fez mister compreender melhor essa realidade.

Inicialmente, o que podemos ter em mente sobre o docente da pós-graduação durante a pandemia da Covid-19 é que os mecanismos de exploração de seu trabalho nesse contexto foram evidenciados. A paralisação das atividades presenciais não significou menor jornada de trabalho para os docentes, ao contrário disso, aumentou o trabalho em várias outras demandas sem o crescimento salarial correspondente (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020).

Aliás, o trabalho docente se tornou contínuo e mais exigente, representando um plus quantitativo, com maior carga horária, sem diferenciação do tempo à disposição do trabalho e com exigência das novas competências para o ensino remoto (NEVES; FIALHO; MACHADO, 2021, p.10).

De um lado, podemos perceber o impulso das estruturas econômicas para atingir esse objetivo, (re)organizando aglomerados empresariais que ensejam a ascensão sobre a área da Educação, vista por eles como uma mercadoria. Esses grupos se articulam com instituições globais, visando promo-

ver mudanças nas políticas educacionais dos países (PERONI; CAETANO, 2015). Em contraposição, há a luta. A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação (ANPEd), assim como os movimentos dos docentes trabalhadores do ensino superior insurgem em suas pautas comuns.

Por esse pensamento, temos que a precarização do trabalho é antes de tudo uma estratégia econômica do sistema capitalista, operando no sentido da retirada de direitos dos trabalhadores historicamente conquistados, valendo-se de momentos de crise com altos índices de desemprego estrutural. No momento da pandemia, além da crise econômica e da crise de saúde pública mundial determinada pela covid-19, o trabalho docente socialmente distanciado foi outro elemento que já vinha sendo circunstanciado e que ganhou impulso. A pandemia pareceu ter vindo a calhar para essa precarização⁴. A chamada “internet das coisas” já estava em curso de tensão com a Educação.

De acordo com Engels (1988), as inovações tecnológicas geram novas formas de divisão do trabalho e alterações na qualidade das relações sociais. Para Santos (2012), na enorme quantidade de transformações a que assistimos, o poder do dinheiro invade as esferas da vida humana, fazendo com que as relações entre as pessoas, apagadas pela lógica desse poder que quase tudo compra, pareçam coisas.

Nessa seara de entendimento, os docentes, já afetados pelo aumento de exigências em relação à sua qualificação e à sua competência, não se reconhecem enquanto unidade, alienam-se, passam a disputar recursos para pesquisa nas agências de fomento, submetendo-se, portanto, a esta vulnerabilidade. É dessa forma que esses docentes parecem se tornar reféns de políticas de produtividade, avaliativas e meritocráticas, como meio de sua subsistência mercadológica, por temer o subemprego. Ocorreria, com isso, uma subtração da importância do papel docente pela formação crítica, autêntica, sensível e libertadora do alunado, conseqüentemente, também a derrota docente no campo da política e da ética educacional.

Dentro dessa perspectiva, desdobramentos nefastos são percebidos. No atual momento de pandemia, dentre outras, temos duas situações preocupantes, do ponto de vista da precarização: a uberização⁵ educacional e a educação remota emergencial. Na uberização há uma extensão do formato dessa relação original de trabalho para o setor da educação que se materializa fortemente no contexto da pandemia (FONTES, 2017). Nele, o docente foi quem arcou com todos os custos dos materiais e riscos do ambiente de trabalho, muitas vezes, sem garantias mínimas, sem horário fixo de

⁴ Para o Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), “a precarização do trabalho no Brasil tem sido analisada pelas alterações no mercado de trabalho – crescimento da informalidade, de formas flexíveis de contratação, e do desemprego em determinados setores e ocupações e suas implicações para o indivíduo” (FERNANDES, 2010, *on-line*).

⁵ Esta empresa corresponde a uma plataforma global digital que propõe a pactuação entre motoristas e usuários com necessidades de serviço de transporte. Na prática trata-se de uma contratação precarizada caracterizada por uma terceirização informal sem garantias trabalhistas e sem jornada definida de trabalho. A empresa conecta os sujeitos da relação e retém percentual sobre o serviço prestado.

trabalho e, ao mesmo tempo, regidos ou sob a subordinação implícita dessas empresas intermediárias, mediadoras do mercado educacional ou das mediadoras de tecnologias, por exemplo.

Para Fontes (2017), o trabalhador nessa situação se torna o provedor de todo o meio de produção, fica responsável pela sua manutenção e atualização, arca com todas as consequências que possam advir dessa relação. As empresas, por sua vez, passam a não ser regidas ou alcançadas pelos acordos coletivos e a pactuação passa para o plano individual, enfraquecendo mais ainda os trabalhadores docentes. A mediação tecnológica propõe salas virtuais que cabem muitos alunos e onde o valor da hora-aula fica menor e pode ser condicionado ao arremate nessas condições, vulnerabilizando mais ainda a categoria docente.

Conforme alerta Fontes (2017), a necessidade de subsistência torna-se um imperativo avassalador e urgente. Para a autora, essa necessidade é travestida dramaticamente pelo capitalismo como se fosse liberdade. Mesmo em plena crise pandêmica, a dimensão econômica se sobrepõe em relação às demais dimensões da vida, aprofunda o desmonte de direitos trabalhistas conquistados historicamente pelos docentes, impondo-se por uma justificativa de necessário ambiente de austeridade. Pode ser na verdade uma forma de extração de mais-valia por um controle ideológico que quer parecer como algo moderno, empreendedor, mas que, em totalidade, podem ser formas de exploração cada vez mais inescrupulosas.

Quanto ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), temos uma situação em que os governantes, visando a evitar o agravamento do quadro sanitário, decidiram por essa reconfiguração radical, caracterizando-se como uma mudança temporária em função da crise e tornando-se a alternativa principal para continuidade das práticas pedagógicas em todos os seus níveis a fim de cumprir o ano letivo. Os docentes se viram obrigados a trabalhar nos ambientes virtuais de ensino-aprendizagem e a dar conta dos diferentes contextos, da imprevisibilidade e, muitas vezes, da falta de condições objetivas para a sua implementação.

Com base no parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), CP nº 11/2020, que dispõe sobre as “Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia”, as instituições e os docentes foram lançados a se adequar a estas novas situações sob o olhar criticamente contundente da sociedade brasileira leiga (BRASIL/CNE, 2020, s.p.). Isso tudo em um cenário onde já havia uma forte movimentação das instituições privatistas pela venda de tecnologias para a Educação Remota.

Para Miléo *et al.* (2020, p. 91), “os docentes passam, então, a lidar com o imprevisível, vivenciando medos, angústias e temores em seu cotidiano, tendo que (re)aprender seu ofício e (re)inventar suas formas de ensinar”. Além da perda de entes queridos, do risco natural de se infectar e de também

morrer ou de conviver com sequelas da COVID-19, os trabalhadores da educação foram obrigados a se inserir neste contexto, sob pena de perder os seus postos de trabalho ou de outras sanções.

Mesmo os trabalhadores com uma certa estabilidade passaram a ser ameaçados por este processo. As jornadas de trabalho aparentemente se tornaram ampliadas pelo uso da tecnologia, sem qualquer aumento salarial correspondente, pois a preparação de materiais digitais demanda muito mais tempo e requer o aprendizado das novas ferramentas, que também exigem maior tempo. Ou seja, tudo isso custeado e em desfavor da qualidade de vida do docente trabalhador.

Além disso, em muitas instituições, as aulas passaram a ser disponibilizadas em plataformas livres sem remuneração por exibição, mantendo o trabalho docente numa perspectiva alienada, não humana, sem plena satisfação e que é feito apenas com sentido de produção de mercadoria que agrega valor (mais-valia). Essa forma de organização do trabalho passou a ser apropriado pelas empresas privadas, fundações e institutos que avançam por meio dessa perspectiva em que o indivíduo seja capaz de consumir essa proposta de educação do capital, ou seja, educar-se por esses pacotes prontos para serem reproduzidos.

Mais ainda, vê-se um provável sistema ampliado de gerencialismo. Os docentes perdem a autonomia de sua reputação, pois passam a ser observados e monitorados integralmente, aumentando as tensões com esses novos mecanismos de vigilância e fiscalização. Muitas vezes, é transmitida essa responsabilidade aos pais e alunos e pode ocorrer um ranqueamento de qualificação, pois os docentes passam a ser avaliados, até mesmo, pelas próprias plataformas digitais, uma forma de responsabilização que expõe o profissional o tempo todo. Um mecanismo que também pode estar sendo utilizado para selecionar professores mais bem adaptados a esta nova realidade digital, inclusive desprezando bons educadores, numa espécie de darwinismo professoral em que há o risco de segregação dos que não se adaptem a esta nova realidade de trabalho (AFONSO, 2009).

E mais, o distanciamento familiar e uma sobrecarga da docente matriarca em suas múltiplas atribuições domésticas, num cenário de aumento do patamar de percepção de ameaça pela Covid-19 ou num cenário de falta de perspectiva de prevenção e assistência, passaram a ser ameaças psicológicas constantes. A nova realidade laboral acabou sendo um facilitador do uso indevido e manipulação de imagens, pois foram reportadas ameaças reais pelo enfrentamento dos temas educacionais (persecuções jurídicas e ameaças informais partidárias contrárias), difamação e calúnias pela descontextualizações de falas ou de trechos editados delas e que acabam por trazer mais desgaste ao docente.

Os docentes em questão podem ter sido expropriados de sua dimensão de vida para o atendimento dos interesses vorazes do capital, de organizações nacionais e internacionais com fins econômicos. As particularidades da pesquisa proposta também podem ser da mesma maneira contextualizadas.

Diante desse cenário, a presente pesquisa teve como objetivo verificar as condições de trabalho dos docentes da pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no contexto da pandemia da COVID-19.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com docentes de Programas de Pós-Graduações *Stricto Sensu* próprios da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), excluindo, portanto, aqueles docentes dos programas com atividade em rede. Os pesquisados foram escolhidos de maneira que o estudo pudesse contribuir para a melhoria e a reflexão docente dos programas da própria instituição. Como critério de inclusão, o docente devia estar em atividade nos respectivos programas antes e durante a pandemia. A adesão do docente ocorreu pela sua participação voluntária na pesquisa.

Foi realizado o levantamento sociodemográfico e das condições de trabalho dos docentes através do instrumento utilizado para estes fins no Estudo Monitoramento dos Indicadores de Saúde e Qualidade de Vida de Acadêmicos – MONISA (SOUSA *et al.*, 2012) adaptado.

O questionário foi apresentado por meio da plataforma Web Google Formulários™ mediante convites enviados a todos os indivíduos da população-alvo pelos endereços de correio eletrônico fornecidos pela instituição e aqueles que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) virtualmente entre abril e junho de 2022. Portanto, a temporalidade da coleta coincidiu com os momentos finais da fase mais crítica de isolamento social durante pandemia no país.

A pesquisa foi aprovada pelo CEP da UNEB sob o parecer 5.306.315. A análise estatística considerou as frequências absolutas, relativas e a Moda⁶ das respostas, bem como correlações entre aqueles elementos com distribuição homogênea de respostas (Pearson⁷) através do software SPSS versão 20.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aderiram à pesquisa 80 professores (n=80) dentre um total de 292 que atuam nos 17 programas presenciais de pós-graduação da referida instituição de ensino superior. Os pesquisados têm um perfil predominante de idade média entre 40 e 50 anos, cor/raça predominante branca, foram equitativos em relação ao gênero e convivem conjugalmente em uma família com média de 3 pessoas.

A maioria reside permanentemente nas cidades onde trabalham sob regime de dedicação exclusiva e possuem uma renda pessoal igual ou superior a R\$ 8.000,00 (oito mil reais). Cerca de metade dessa população que aderiu à pesquisa acredita ou teve certeza de sua contaminação pelo vírus mesmo que trabalhando remotamente.

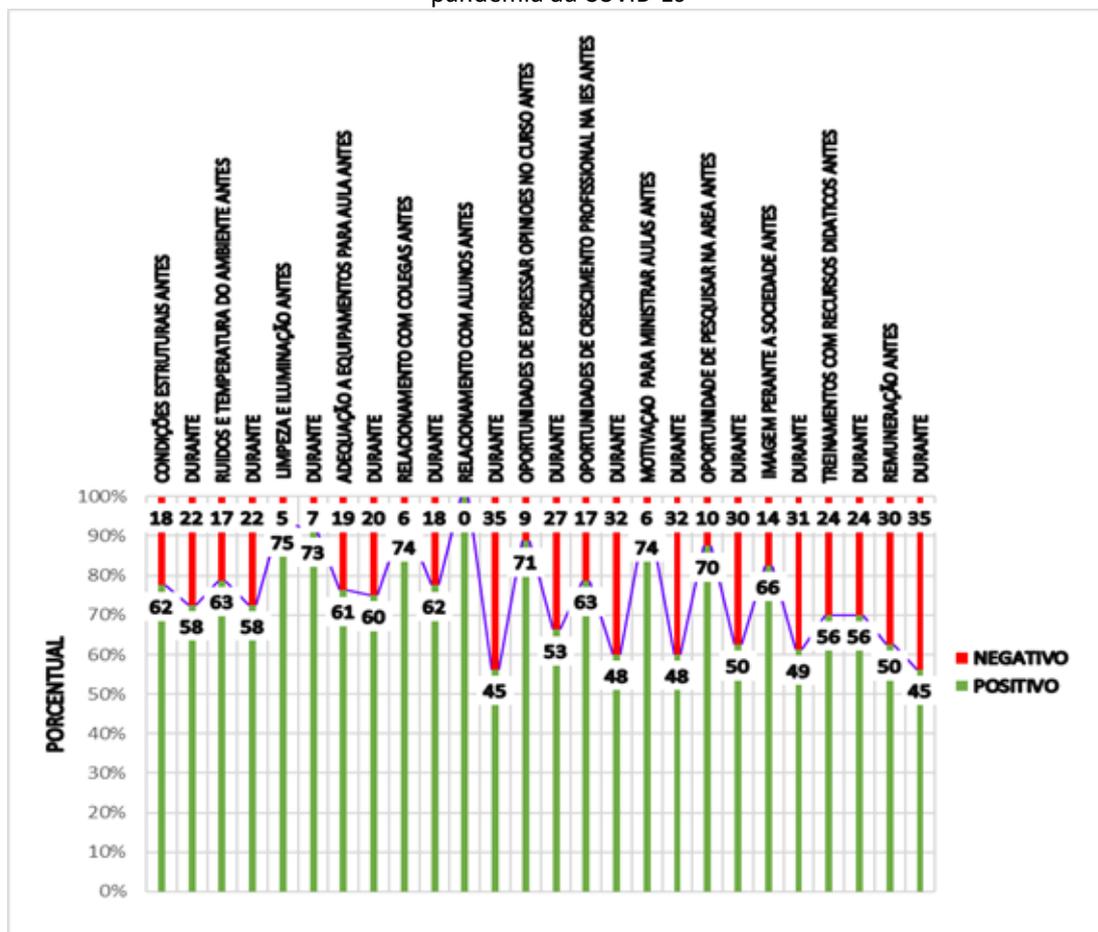
Em relação às condições do trabalho docente antes e durante a pandemia da Covid-19 foram analisados vários aspectos extrínsecos desse grupo. As variáveis foram: as condições estruturais gerais, os ruídos e a temperatura, a limpeza e a iluminação dos ambientes, a adequação a equipamentos

⁶ A Moda é o valor mais frequente em um conjunto de dados, o que se repete o maior número de vezes numa amostra. É uma medida de tendência que representa um ponto central de uma distribuição de dados sendo a única que pode ser empregada para qualquer tipo de variável (LELES; MORO; DIAS, 2018).

⁷ A Correlação de Pearson mensura a linearidade ou o comportamento de sentido semelhante entre variáveis (LELES; MORO; DIAS, 2018).

para a aula, o relacionamento com colegas e com alunos, as oportunidades de expressar opiniões e as oportunidades de crescimento no programa e na IES, a imagem perante a sociedade, o treinamento com recursos didáticos e a remuneração. As variáveis foram categorizadas em percepção positiva e percepções negativas, sendo comparativas como dito para o contexto de pandemia.

Gráfico 1 — Percepções positivas e negativas sobre as condições de trabalho docente antes e durante a pandemia da COVID-19



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O gráfico acima exibe comparativamente as percepções dos docentes em tela na pesquisa. Nele é possível notar que houve uma piora na percepção das condições de trabalho no contexto da pandemia, exceto na categoria de treinamentos com recursos didáticos, que permaneceu inalterada em percepção (70% positiva e 30% negativa). Ou seja, os docentes consideraram que não houve piora em relação aos treinamentos com os recursos didáticos para as aulas.

Contudo, a percepção não foi a mesma quando se tratava da adequação aos equipamentos para a aula de modo que foi registrado pelos docentes uma piora na percepção durante a pandemia (8,8% de percepção negativa antes e 23,8% de percepção negativa durante a pandemia).

Ribeiro e Cardoso (2024) avaliaram a valorização do trabalho docente e identificaram os impactos na saúde dos docentes em meio a pandemia da covid-19 em docentes de uma universidade do estado da Bahia. Segundo as autoras, em relação às condições de trabalho, os docentes relataram

que a instituição possui boa infraestrutura, e que eles possuem uma relação saudável com os colegas. Contudo, em relação ao contexto pandêmico, apesar disso não ter interferido na quantidade de discentes e aulas, eles sinalizaram ter havido uma significativa ampliação na jornada de trabalho, falta de aparato e capacitação tecnológica para atuação no novo ensino remoto, o que causou neles problemas de saúde de ordem física e mental, intensificando, dessa forma, a precarização do trabalho.

Souza *et al.* (2021a) chamam a atenção no sentido de que as novas demandas e as diferentes metodologias de ensino sobrecarregam, de certa forma, o professor, e que este esteve exposto a grandes exigências e desafios o que requereu novas descobertas e novas formas de aprendizagem sem muita capacitação. Destacam que a ausência de um planejamento e estratégias de preparação podem contribuir para a precarização do trabalho docente.

De acordo com Ferreira (2019), uma vez que há que se considerar as transformações do mundo do trabalho, conduzidas pela reestruturação do capitalismo e a consequente hegemonia das políticas neoliberais, com o transcorrer do tempo, exige-se do professor ainda mais novas habilidades, as quais devem estar voltadas para os interesses de mercado, o que tem afetado demasiadamente a rotina e o funcionamento das instituições do ensino superior e, por extensão, o trabalho docente.

Sobre esse contexto, Cardoso Júnior *et al.* (2022) afirmam que alguns profissionais da educação, sem a garantia de emprego, curvam-se frente às ferramentas tecnológicas necessárias à execução destes novos padrões laborais, sofrendo com a instabilidade psicossomática do organismo sendo afetados em todas as suas dimensões da qualidade de vida, sobrecarregando-se acima de todos os seus limites.

De maneira significativa, constatou-se que os professores pesquisados referiram uma inexistente percepção negativa no que se refere ao relacionamento com os alunos antes da pandemia, mas que passou a ser perceptiva por 43,8% dos docentes durante a pandemia. Aliás, na pesquisa nenhuma categoria estudada sob a condição de trabalho docente revelou melhoria durante a pandemia da COVID-19.

Outros decrementos neste contexto comparativo foi a da percepção negativa na remuneração (37,5% antes e 43,8% durante a pandemia), da motivação para ministrar aulas (7,5% antes e 40% durante a pandemia), das oportunidades de crescimento profissional (21,3% antes e 40% durante a pandemia) e da percepção de sua imagem perante a sociedade (17,5% ante e 38,8% durante a pandemia).

Moreira, Silva Júnior e Cardoso (2022) ratificam que problemas com a valorização docente, no Brasil, perduram, mostrando o pouco investimento dos governos com a educação. Salientam ainda que muitos docentes desenvolvem outras atividades além da docência na busca de melhorias nas condições financeiras para suprir necessidades básicas.

Perguntados sobre o estresse e a insatisfação com as condições de trabalho, utilizando uma análise de tendências, o estresse docente demonstrou ocorrências de maior frequência nas variáveis que representam a percepção apenas antes da pandemia. Foram elas: as condições de limpeza

e iluminação antes da pandemia, o relacionamento com os colegas antes da pandemia e sobre as oportunidades de expressar suas opiniões também antes da pandemia.

Quanto à insatisfação com as condições de trabalho, observou-se comportamento bem semelhante ao da categoria estresse, ou seja, somente em contexto anterior à pandemia se observou uma tendência de maior frequência de insatisfação e nas variáveis: relacionamento com os colegas, oportunidades de expressar suas opiniões e na motivação e ânimo para ministrar as aulas, diferenciando-se apenas nesta última ao que foi mencionado no parágrafo anterior.

Segundo Paz *et al.* (2020), as condições de trabalho a que os docentes estão submetidos podem ser consideradas como fator agravante no desenvolvimento de doenças físicas e psíquicas, como a Síndrome de Burnout. Ribeiro e Cardoso (2021) destacam que a saúde ou adoecimento docente tem relação direta com as condições de trabalho.

Da mesma maneira estatística, foi encontrado nas variáveis de oportunidades de crescimento profissional, da motivação, de aperfeiçoamento para aula e da remuneração, uma tendência de percepção positiva durante a pandemia entre o grupo de docentes com experiência acima de 20 até 30 anos no ensino superior, ou seja, este grupo apresentou essas percepções positivas sobre as condições de trabalho durante a pandemia.

Nesse sentido, quando perguntado aos docentes se já haviam trabalhado com alguma forma de tele ensino, a maioria (57 docentes ou 71,3% dos que aderiram) respondeu negativamente. Entretanto, 16 docentes (20%) já haviam trabalhado com Ensino a Distância (EAD), 5 docentes com Ensino Remoto (6,3%) e 2 docentes (2,5%) com Ensino Híbrido. Insta apontar que o grupo que se destacou por perceber oportunidades positivas profissionais durante a pandemia, em média, já tinham experiências com o tele ensino.

Souza *et al.* (2021b), pesquisando sobre saúde mental e percepções do trabalho on-line de docentes de todos os níveis de ensino, encontrou que, apesar da maioria (65%) não concordar com o formato de ensino on-line, 29% da amostra relatou ter gostado em virtude da aprendizagem possibilitada por essa nova condição no contexto nacional. A maioria dos professores (51%) relatou dificuldades no início do processo, mas no momento da pesquisa já se descreveram como adaptados ao novo cenário. Porém, apesar de estarem a mais de sete meses nessa condição, momento este em que ocorreu a coleta de dados, 20% dos docentes ainda relataram desconforto na sua atuação profissional remota no momento da pesquisa.

Os docentes pesquisados por Ribeiro e Cardoso (2024) relataram que, em relação ao aparato e capacitação tecnológica no período de pandemia, a instituição ofertou capacitação, porém, essa foi insuficientemente e, por isso, eles não se sentiram preparados para realizar suas funções de forma tranquila e adequada.

Barros, Dutra e Cardoso (2021) afirmam que um dos fatores que interferiu na saúde física e mental dos docentes foi a inserção das novas tecnologias, pois eles tiveram que continuar prestan-

do seus serviços, muitos sem a qualificação necessária, com maior responsabilização. Segundo as autoras, desenrolou-se um quadro de adoecimento físico e mental dos docentes que tiveram que se adequar a um modelo gerencialista, focado em resultados, em que o trabalhador é apenas mais um produto do sistema capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19, de maneira inusitada, determinou e ainda tem determinado inúmeras mudanças nas esferas individuais e coletivas das populações em torno do mundo com significativos efeitos psicossociais, econômicos e políticos. Em função desse contexto novo, houve uma necessidade de se refletir sobre essas mudanças, problematizando-as para que sejam interpretadas mediante métodos científicos válidos, formando um conhecimento histórico útil para as sociedades.

Como se trata de uma doença provocada por um vírus que rapidamente se disseminou globalmente, e que, inicialmente, a ciência médica não dispunha de informações consistentes a respeito e nem de recursos combativos, quer terapêuticos ou profiláticos, o distanciamento social foi a medida urgente que se impôs. Por este motivo, as atividades presenciais em todos os níveis de ensino foram abruptamente interrompidas já no primeiro semestre letivo de 2020, desde que declarada a emergência em saúde pública no Brasil.

Especificamente, no caso do ensino superior, as práticas de ensino foram readequadas por meio de aulas *on-line*, por intermédio de plataformas ou aplicativos de comunicação da rede mundial de computadores (internet). Nessa nova realidade, o trabalho do docente do ensino superior se tornou desafiador. Eles tiveram que se adaptar rapidamente a essas novas situações laborais, sem que muitas vezes detivessem as mínimas condições necessárias para as conduzir e planejar aulas tranquilamente. Além disso, as novas exigências profissionais precisaram ser acompanhadas de reconfigurações pessoais para a continuidade da atividade pelo exercício dessa nova interação.

Na pós-graduação, os docentes, além das salas de aulas virtuais, ainda lidaram com o desafio da extensão e das pesquisas, das funções administrativas no âmbito das instituições de ensino. Os resultados da pesquisa demonstraram que a pandemia da Covid-19 agravou mais as tensões laborais preexistentes, aumentando o nível de estresse e de insatisfação desses docentes. Mais exigências, mais sobrecarga de trabalho e, conseqüentemente, um efeito deletério na qualidade de vida desse profissional.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Nem tudo que conta em educação é mensurável ou comparável. Crítica a accountability baseada em testes estandarizados e rankings escolares. **Revista Lusófona de Educação**. Lisboa, v. 13, n. 13, 13-29, abr.-jun. 2009. Disponível em: <http://www.revista.ulusofona.pt>. Acesso em: 13 jun.2021

BARROS, Cláudia Cristiane Andrade; DUTRA, Franciny D'Esquivel; CARDOSO, Berta Leni Costa. As novas formas de trabalho em tempos de pandemia de COVID-19 e sua interferência na qualidade de vida dos profissionais da educação. **Seminário Gepráxis**. Vitória da Conquista – Bahia – Brasil. V.8, n.8, p.1-13, maio, 2021.

BRASIL, Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. **Parecer 11/2020 Orientações Educacionais para a realização de aulas e atividades Pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da Pandemia**. Brasília: [s.n.]. julho 2020.

CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Cláudio Pinto; SILVA JÚNIOR, Germínio José da; CARDOSO, Berta Leni Costa. O Materialismo Histórico-Dialético e a qualidade de vida docente. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 61-80. a

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 1988.

FERNANDES, Danielle Cireno. Precarização do trabalho (verbetes). *In*: Dalila Andrade Oliveira, Adriana Cancelli Duarte e Livia Fraga Vieira (orgs.). **Dicionário Trabalho, profissão e condição docente**, Belo Horizonte: GESTRADO/UFMG, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/precarizacao-do-trabalho/>. Acesso em: 14 de nov. de 2022.

FERREIRA, Fábio Alves. A Teoria do Discurso e análise do discurso: De Ernesto Laclau a Michel Foucault. **Perspectivas**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFT – volume 4, n. 2–Tocantins, 2019.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. Marx e o Marxismo. **Revista do NIEP-Marx**. Niterói, v. 5(8), p.45-67, 2017.

LELES, Cláudio Rodrigues; MORO, Rafael Gustavo Dal; DIAS, Danilo Rocha. Princípios de Bioestatística. Cap.12. *In*: ESTRELA, Carlos (org.). **Metodologia científica: ciência, ensino, pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Artes Médicas, 2018. p.159-196

MASETTO, Marcos T. **Competência pedagógica do professor universitário**. Summus: São Paulo, 2003.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira; FREITAS, Léia Gonçalves; LOPES, Raquel da Silva; PARENTE, Francilene de Aguiar. Ensino Remoto Emergencial e o Isolamento Social: a precarização da escola pública e do trabalho docente. *In*: UCHOA, Antônio Marcos da conceição; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; GONÇALVES, Maria Elizabeth (orgs.) **Diálogos críticos**. Volume 3. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 88-123.

MOREIRA, Deise Maíra Silveira; SILVA JÚNIOR, Germínio José; CARDOSO, Berta Leni Costa. Valorização docente na educação básica: resultados de pesquisas realizadas. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto. Indicadores de

saúde e qualidade de vida: contextos escolares e universitários. São Carlos, Pedro & João Editores, 2022. P.177-202.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Trabalho docente no Brasil durante a pandemia da COVID-19**. Educação Unisinos 25(2021) ISSN 2177-6210 Unisinos–doi: 10.4013/edu.2021.251.26

NUNES, Cláudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.43, n.1, p.65-80, jan./mar. 2017.

PAZ, Fernanda Ribeiro; SOUZA, Samuel Mendes de; PIRES, Ennia Débora Passos Braga; ROCHA, Mateus Teixeira do Amaral. Condições de trabalho e saúde do professor: fatores relevantes para o desenvolvimento da síndrome de Burnout. *In*: NUNES, Claudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa; SOUSA, Erivan Coqueiro (orgs.). **Condições de trabalho e saúde do professor**. Vitória da Conquista: dições UESB, 2020. P. 93-109.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. O público e o privado na educação Projetos em disputa? **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 337-352, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br> Acesso em: 20 nov. 2022

PONTES, Fernanda Rodrigues; ROSTAS, Maria Helena Sauaia Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. Precarização do trabalho do docente adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte. **Revista Thema**, v. 18, p. 278-30, 2020.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 2, 2014.

RIBEIRO, Vanilda Batista; CARDOSO, Berta Leni Costa. A Valorização do Trabalho Docente e os impactos na Saúde em tempos de Pandemia: uma revisão sistemática. **Rev. ComCiência**. Out., vol.6, no.8, 2021. p.11-17.

RIBEIRO, Vanilda Batista; CARDOSO, Berta Leni Costa. Valorização Docente e os impactos na Saúde em tempos de Pandemia. **Paradigma**. Vol. XLV, n. 1, Edición Normal. Enero/Junio, 2024.

SANTOS, Sheila Daniela Medeira. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 46, n. UFPR, p. 229-244, out/dez 2012.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. DOI <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.16289.094>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289> . Acesso em: 2 abr. 2021.

SILVA JÚNIOR, João Reis; FERREIRA, Luciana Rodrigues.; KATO, Fabíola Bouth Grello. Trabalho do professor pesquisador diante da expansão da pós-graduação no Brasil pós-LDB. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, 2013.

SOUZA, Adriana da Silva; BARROS, Claudia Cristiane Andrade; DUTRA, Franciny

D'Esquivel; GUSMÃO, Risia Silva Chaves; CARDOSO, Berta Leni Costa. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**. Fortaleza. V.2, n.2. p. 1-23, 2021a.

SOUZA, Thiago Ferreira; NAHAS, Marcus Vinicius; FONSECA, Silvio Aparecido;

MORORÓ, José Helma Pio. **Validade e reprodutibilidade do questionário Indicadores de Saúde e Qualidade de Vida de Acadêmicos**. (Isaq-A). Arq Cien Esp, 2012.

SOUZA, Jackeline Maria; DELL'AGRI, Betânia Alves Veiga; COSTA, Rodney Querino

Ferreira; CAETANO, Luciana Maria. Docência na Pandemia: Saúde Mental e Percepções sobre o Trabalho On-line. **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n.2, p. 142-159, maio/agosto 2021b.

VIANA FILHO, Marcizo Veimar Cordeiro; MATOS, Tereza Gláucia Rocha; GALINDO,

Melissa Cordeiro Torres; SILVA, Roberta; VALE, Silvia Fernandes. O trabalho do professor na pós-graduação no Brasil após a Lei Nº 9394/1996. **Avaliação**, Campinas, v. 24, Mar-Mai 2019.

COMO CITAR — APA

CARDOSO, B. L. C., CARDOSO JÚNIOR, W., & NUNES, C. P. (2024). Condições de trabalho docente na pós-graduação no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. *PARADIGMA*, *XLV*(2), e2024016. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024016.id1315>.

COMO CITAR — ABNT

CARDOSO, Berta Leni Costa; CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Claudio Pinto. Condições de trabalho docente na pós-graduação no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. *PARADIGMA*, Maracay, v. XLV, n. 2, e2024016, Jul./Dez., 2024. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024016.id1315>

HISTÓRICO

Submetido: 03 de fevereiro de 2024.

Aprovado: 12 de junho de 2024.

Publicado: 01 de julho de 2024.

EDITOR

Fredy E. González 

ARBITROS

Dos árbitros evaluaron este manuscrito y no autorizaron la publicación de sus nombres